

EM BUSCA DE UMA HISTÓRIA A SER CONTADA: A RECEPTÃO BRASILEIRA À GRAMÁTICA GERATIVA

(IN SEARCH OF A (HI)STORY TO BE TOLD: THE BRAZILIAN RECEPTION TO GENERATIVE GRAMMAR)

*Ronaldo de Oliveira Batista**

RESUMO: No final da década de 1960, começaram a circular no cenário acadêmico brasileiro as primeiras notícias a respeito da Gramática Gerativa de Noam Chomsky. A consequência desse momento inicial de recepção das ideias linguísticas norte-americanas foi a formação de um grupo de especialidade que reuniu pesquisadores que se reconheceram como gerativistas e passaram a aplicar teorias e métodos da Gramática Gerativa a dados do português. Este artigo propõe uma reconstrução desse período da história da linguística brasileira, seguindo métodos e propostas interpretativas da Historiografia Linguística, a partir de categorias analíticas como programas de investigação, grupos de especialidade, parâmetros internos e externos, retórica de ruptura, continuidades e descontinuidades.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Linguística, Linguística brasileira, Gramática Gerativa

ABSTRACT: At the end of the 60s, the first news about Noam Chomsky's Generative Grammar spread among Brazilian Scholars. The first consequences of these North-American linguistic ideas was the creation of a study group that joined researchers who started applying Generative Grammar theories and its methods to Portuguese language data. This paper aims at reconstructing this period of Brazilian Linguistics. In order to do so, it proposes the use of Linguistic Historiography, applying analytic categories such as investigation programs, research groups, internal and external reconstructions, revolutionary rhetoric, continuity and discontinuity.

KEYWORDS: Linguistic Historiography, Brazilian Linguistics, Generative Grammar

* Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Professor Doutor Adjunto I do Centro de Comunicação & Letras, robotista@mackenzie.br



INTRODUÇÃO

Este texto propõe uma reflexão historiográfica¹ sobre a recepção do programa de investigação² em **Gramática Gerativa** (doravante **GG**) no cenário acadêmico brasileiro. A unidade de análise recortada para esta investigação restringe-se a uma dimensão temporal (final da década de 1960 e primeiros anos da década de 1980) que levou em conta, principalmente, um ponto de observação que permitisse uma abordagem a respeito dos momentos de emergência de um programa até então inédito na linguística brasileira e que estabeleceu, de acordo com diferentes depoimentos obtidos, formas diversas de tratamento linguístico em relação àquelas aplicadas até então no Brasil. O recorte temporal deve-se, também, à busca

¹ O termo *história* refere-se à série de eventos situados numa corrente temporal. Já o termo *historiografia* é aqui tomado como referente à construção de uma narrativa de descrição e interpretação dos eventos históricos.

² “A program is a complex cognitive system which makes possible some particular operations and results, while excluding other possibilities. One program can subsume several theories which, despite technical and terminological differences, have the same concept of how the object of the discipline must be investigated. Both *object* and *method* are defined intra-theoretically; but the unity of a program resides in the similar conception of how a certain method must ‘deal with’ the object of a particular discipline.” (SWIGGERS, 1981: 12)

de uma apreensão das formas de recepção dos dois primeiros modelos³ de destaque da teoria gerativa, o modelo Padrão e o modelo Padrão Estendido (ou Ampliado), que seriam substituídos na década de 1980 pelo modelo de Princípios & Parâmetros, a partir da publicação de Noam Chomsky em 1981 de *Lectures on Government and Binding*.

Esta análise estabelece, para sua execução, parâmetros internos e externos de análise, segundo princípios da Historiografia Linguística (ALTMAN, 1998, 2009; KOERNER, 1989, 1995; SWIGGERS, 1990, 2009; BATISTA, no prelo), procurando correlacioná-los, na medida do possível, para reconstruir historiograficamente momentos da história da linguística brasileira. Na definição de parâmetros externos destacam-se os conceitos de *grupos de especialidade* e de *retórica*⁴. Em relação a parâmetros internos, utilizou-se o conceito de *programas de investigação*, tendo por objetivo definir visões gerais que um programa estabelece para seus propósitos, assim como os problemas, métodos e formas de análise privilegiados.

Em meio a observações efetuadas para o desenvolvimento deste artigo, a imagem de uma ciência de recepção, para o contexto brasileiro, mostrou-se relevante, principalmente se articulada numa expansão do que se compreende por produção científica, com a necessária revisão do

³ Consideramos nesta análise uma história da GG que começaria em 1957 com a primeira publicação reconhecida de Chomsky, no entanto não se pode deixar de pontuar que o linguista é bastante crítico com esse posicionamento: “Quanto à história da Gramática Gerativa, devo começar dizendo que é extremamente enganoso iniciar com *Syntactic Structures*. Nos anos 50, não havia linguística deste tipo; aparentemente não existia. Contudo, ela realmente tem uma tradição que se iniciou há 2500 anos com a gramática de Panini, mas que foi completamente esquecida. Este tipo de trabalho ressurgiu nos séculos 17, 18 e 19, mas também foi esquecido juntamente com linguistas do século 20 como Otto Jespersen que, em certo sentido, foi a última pessoa que veio desta tradição”(CHOMSKY, 1997: 196).

⁴ O conceito de *grupos de especialidade* refere-se à constituição de diferentes comunidades de pesquisadores, que se reconhecem como membros de uma organização, mais ou menos institucionalizada (de acordo com a fase em que se encontra o grupo), construída em torno das mesmas preocupações científicas e do mesmo posicionamento intelectual em determinada área. Reconhece-se pelo termo *retórica* o tipo de discurso empreendido pelos membros de um grupo de especialidade, tendo como objetivo sinalizar pertencimento a determinada corrente de pensamento e método de trabalho ou, contrariamente, firmar franca ruptura com saberes já institucionalizados. Os dois conceitos trazem, para o interior da Historiografia Linguística, perspectivas de trabalho advindas da Sociologia do Conhecimento Científico.

imaginário em torno de uma linguística que se constrói pela adoção de teorias e métodos vindos dos centros de referência da pesquisa em ciência(s) da linguagem (notadamente norte-americanos e europeus). Nessa alteração do ponto de vista, a recepção passa a ser vista de uma forma distante da visão negativa que é estabelecida em torno da imagem de centros de produção e de periferias de recepção dessa produção. A ciência entendida como processo dinâmico coloca a recepção não de forma negativa, mas como uma característica de alguns centros de produção científica, situados em contextos históricos e sociais específicos.

1. ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES INICIAIS: O QUE SE ENTENDE POR CIÊNCIA?

Em 1986, o físico Mario Schenberg (1916-1990) fez a seguinte observação⁵: “*Aí está a ciência: a ciência é o caminho feito, não são os resultados obtidos. Num certo sentido talvez não tenha se obtido nenhum resultado, nenhum resultado definitivo, mas foi feito um certo caminho*”. A visão de Schenberg pode servir de primeiro direcionamento para uma revisão da forma de entender conhecimento científico, no campo da(s) ciência(s) da linguagem, no Brasil, considerando que os círculos de **recepção e aplicação** de teorias e modelos de análise (que se situam no que é costume apontar como a periferia do saber científico), em razão de suas condições sociais/históricas/econômicas, não são vistos, ainda, como lugares privilegiados de saber científico, como os EUA e a Europa, tradicionalmente.

Está-se diante, então, de uma ciência em diálogo permanente com centros localizados fora do país. Não se poderia, dessa maneira, estabelecer uma interpretação a respeito dos desenvolvimentos iniciais do programa da GG no Brasil sem levar em conta o papel do intercâmbio e da cooperação internacional. Mas nesse caso, como apontam Hamburger *et al.* (1996), em vez de pontuar-se o discurso que coloca esse intercâmbio num fluxo único, o caminho mais adequado passa a ser aquele que modifica a concepção de ciência numa expansão que define o conhecimento científico não mais exclusivamente relacionado a práticas de produção e obtenção de resultados.

⁵ A citação e a reflexão inicial desse item sobre uma ciência de recepção são resultantes da leitura da obra coletiva *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*, organizada por Amélia Império Hamburger, Maria Amélia M. Dantes, Michel Paty e Patrick Petitjean, e publicada pela Edusp com a colaboração da Fapesp.

Ciência passa a ser⁶ um fluxo contínuo de desenvolvimento de saberes, envolvendo práticas de análises a partir da produção de conhecimentos derivados da aplicação de teorias e métodos. Essa aplicação de resultados não pode ser vista de forma ingênua, o que leva imediatamente a uma classificação negativa da recepção. A recepção e a aplicação de propostas teórico-metodológicas vindas de centros reconhecidos como produtores de ciência podem ser vistas de forma produtiva, uma vez que se dão em contextos histórico-sociais específicos, o que demanda adaptações e alterações das teorias recebidas. Nessa concepção, não há espaço para a compreensão de uma aplicação acrítica de resultados (*cf.* sobre essa questão BORGES NETO, 1986).

2. DIMENSÕES DE ANÁLISE NA LINGUÍSTICA BRASILEIRA DO FINAL DA DÉCADA DE 1960

No final da década de 1960, a história da linguística brasileira alterou-se em virtude da influência exercida pelas concepções do linguista norte-americano Noam Chomsky⁷. A divulgação do pensamento chomskiano no Brasil começou nesse período, e o Estruturalismo⁸, como programa de investigação vigente a partir dos primeiros momentos de institucionalização da linguística, ainda na década de 1960 (ALTMAN, 1998), passou a conviver com o programa da GG, que chegou ao espaço acadêmico brasileiro acompanhado de um discurso - uma retórica -, que destacava a novidade, o modelo inovador de ciência (baseado no método dedutivo e no ideal explicativo) e práticas de descrição e análise alicerçadas, sobretudo em

⁶ “Quando falamos em ciência, não a reduzimos a um conjunto de resultados, de ‘leis da natureza’, de conhecimentos teóricos, de método. Nós a tomamos em seu sentido mais amplo, isto é, enquanto processo intelectual, cultural e social.” (PETITJEAN, P. in HAMBURGER *et al.* (org.), 1996: 27)

⁷ Em meio a diferentes caminhos possíveis, a chegada da GG ao Brasil de certa forma ratifica a proposta de Coseriu (1976) de que a linguística latino-americana é de recepção; não se criam teorias, mas elas são recebidas e trabalhadas com novos dados.

⁸ A denominação “estruturalismo” é complexa, pois o termo pode se referir a diferentes dimensões de análise. Considero o emprego do termo para estabelecer referência a estudos em torno de propostas distribucionalistas, reconhecidas como “estruturalismo norte-americano”. Desconsidero diferentes implicações que a definição como estruturalista ou não abarca. De certa maneira, alguns direcionamentos da GG conservam aspectos que podem ser considerados como estruturalistas. No entanto, neste trabalho coloco as caracterizações (estruturalista ou gerativista) como opostas, em relação a orientações científicas.

seus primeiros momentos, numa sintaxe, com métodos peculiares ao novo programa e relacionados a uma concepção inatista da linguagem humana.

Esse período da linguística nacional pode ser descrito como um momento de superposição de teorias e métodos propostos por diferentes escolas linguísticas⁹. Basta lembrar que um ano antes da publicação da resenha que muitos consideram como marco da recepção do programa gerativista¹⁰, 1967, Aryon Rodrigues publicou na revista *Estudos Linguísticos*, em seu primeiro número de julho de 1966, as “Tarefas da linguística no Brasil”. Nesse texto, Rodrigues estabeleceu uma série de atividades (todas de natureza descritiva com forte orientação estruturalista norte-americana) a serem cumpridas pelos pesquisadores, tendo em vista o desenvolvimento de uma ciência da linguagem no Brasil. Essas “tarefas” envolviam investigação das línguas indígenas e das línguas de minorias europeias e asiáticas e a “descrição da língua portuguesa”, além das tarefas relacionadas a uma linguística aplicada.

⁹ Essa superposição de teorias, modelos, métodos pode evidenciar que mudanças não ocorrem de forma brusca e tão descontínua como certa narrativa historiográfica em alguns momentos pode fazer crer. A alteração de programas de investigação é um processo muitas vezes mais de continuidade do que os discursos da descontinuidade, clamando por vanguarda, estabelecem. Nos EUA, quando Chomsky começou a apresentar suas propostas, houve a busca por uma ruptura com o saber produzido anteriormente; no entanto, vários estudos destacam como os primeiros momentos da sintaxe gerativista, lançando bases de um programa de investigação reconhecido como de vanguarda e revolucionário pelos seus seguidores, eram devedores de aspectos, com objetivos e focos diferentes, presentes no estruturalismo norte-americano (cf. BATISTA, 2007, NEWMAYER, 1986). É importante lembrar, também, que o próprio Chomsky, anos mais tarde, relativizou bastante essa questão de rupturas, de forma implícita, como se pode perceber em alguns de seus posicionamentos: “Eu era aluno iniciante por volta de 1946 [...] Entretanto, nunca nos disseram que Bloomfield, proeminente figura da linguística do século 20, tivesse feito qualquer trabalho nessa linha [tratamento de questões gramaticais na linha da gramática indiana de Panini], que de certo modo era muito semelhante à gramática gerativa. [...] Meu trabalho final de graduação foi uma gramática rudimentar, na realidade, um tanto detalhada na fonologia e morfologia, contendo alguma coisa de sintaxe rudimentar, mas apesar disso uma gramática gerativa. Somente fiquei sabendo sobre *Menomini Morphophonemics* [trabalho do estruturalista Bloomfield com o qual Chomsky vê algumas semelhanças] uns 20 anos mais tarde, quando estava me interessando por história. Isto é só um exemplo de como o passado era desconhecido” (CHOMSKY, 1997: 198).

¹⁰ Adotar o termo *gerativista* como adjetivo caracterizador tanto de propostas teórico-metodológicas, quanto de pesquisadores do grupo de especialidade não é uma decisão tomada sem riscos. Muitos dos pesquisadores em GG veem essa denominação de forma negativa, no entanto ela é corrente no meio acadêmico, daí a decisão em mantê-la.

Foi nesse contexto que as propostas teórico-metodológicas de Chomsky começaram a chegar ao Brasil por conta da leitura de obras publicadas em outros países, pela participação de pesquisadores estrangeiros na formação de alguns dos programas de pós-graduação em linguística e também pelo envolvimento de então jovens estudantes ou professores que tinham sido enviados ao exterior para fazer cursos de pós-graduação. Alguns depoimentos dão conta da importância do intercâmbio para a configuração do que viria a ser a linguística nacional dividida em diferentes programas de investigação.¹¹

[a formação de pesquisadores brasileiros no exterior] *foi muito importante nos primeiros anos. Mas foi muito rápida a formação de um grupo de linguistas nacionais, de modo que depois de 1974, mais ou menos, a linguística brasileira já não dependia dos nomes estrangeiros para funcionar.* (Depoimento pessoal, 2007)

Creio que a gramática gerativa “pegou” no Brasil quando brasileiros que foram estudar nos EUA voltaram do exterior, como Antonio Carlos Quícoli e Mário Perini. Não acredito que pesquisadores estrangeiros tenham tido um papel muito relevante no estabelecimento de um programa de pesquisa em gramática gerativa. A passagem de John Martin pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), por exemplo, não deixou nenhum gerativista, embora tenham saído algumas dissertações que utilizavam a gramática gerativa como modelo de base. (Depoimento pessoal, 2006)

Visto na época [década de 1960] não haver no país programas de pós-graduação em linguística, a nova geração de estudantes decididos a prosseguir estudos mais avançados nessa área tinha forçosamente que ir para o estrangeiro. Os países mais procurados eram os Estados Unidos e a França, de onde se originaram as duas principais correntes da linguística brasileira de hoje em dia: uma de orientação norte-americana seguindo os ensinamentos de Chomsky, Halle e seus colaboradores ou opositores, e outra de orientação francesa seguindo as idéias de Greimas, Pottier e, em menor grau, Martinet. A corrente gerativa tem também uma certa influência francesa, exercida principalmente por Ruwet e Gross [...] (NARO, 1976: 88)

¹¹ Depoimentos obtidos em entrevistas aparecem em itálico. Outras citações seguem os padrões correntes.

Nesse processo de intercâmbio, realizado de diferentes maneiras, o depoimento abaixo parece deixar claro que o contato com a linguística que se fazia fora do Brasil foi importante para que novos caminhos se abrissem para a pesquisa nacional.

Quando uma pessoa medianamente inteligente e intelectualmente sincera lê um trabalho iluminador, sente o desejo de compartilhar a experiência pensante com colegas. Para mim, ler Syntactic Structures foi uma experiência pensante sensacional, um momento desses muito raros na vida. Foi em 1962 que esse livrinho chegou às minhas mãos. Recursividade e transformações sintáticas já estavam lá. Certamente o fino livrinho azul da Mouton chegou às mãos de outras pessoas no Brasil. Algumas entenderam que estava ali uma nova visada sobre língua. Outras não entenderam. As que entenderam e amaram foram o marco introdutório, sem nome e sem oficializações ainda. Houve também as que entenderam e não amaram, porque entenderam que aquilo mexia com os alicerces do ensino escolar de línguas. Depois veio Aspects of the Theory of Syntax, o segundo passo no empreendimento de focalizar o cerne da capacidade humana de linguagem: a natureza gerativa da sintaxe. (Depoimento pessoal, 2007)¹²

Posicionando-se contra um estudo baseado na Filologia e Dialectologia tradicionais e contra um ensino de língua baseado na Gramática Tradicional (direções dominantes no panorama dos estudos da linguagem até o final da década de 1960), a recepção às propostas de Chomsky no Brasil provocou mudanças e reafirmações de posturas, não só acadêmicas como também pessoais. Esse contraponto criado pelas propostas do programa gerativista, em seus momentos iniciais, foi estabelecido, ao contrário do que ocorrera nos EUA, muito mais contra a Gramática Tradicional do que contra um Estruturalismo de feição mecanicista e behaviorista, já que, na opinião de

¹² Observar o depoimento em contraponto com a opinião de Chomsky abre futura mirada de trabalho, com objetivo de investigar descompassos entre produção e recepção, o caminho que a história toma independentemente de interesses de seus agentes; nesse sentido, veja-se depoimento de Chomsky sobre o livro destacado no depoimento: “A segunda metade de *Syntactic Structures* inicia com o que eu considerava certo: a gramática gerativa transformacional. Nunca pensei em publicar o livro; era simplesmente um conjunto de anotações de sala de aula para um curso de graduação no MIT. Na época Mouton estava publicando qualquer coisa, então eles decidiram publicá-lo juntamente com uma centena de outras coisas inúteis que estavam aparecendo. Esta é a história de *Syntactic Structures*: anotações de um curso para alunos de graduação em ciências, publicadas acidentalmente na Europa” (CHOMSKY, 1997: 198).

alguns linguistas e também pelas propostas de trabalho que se colocaram em recortes temporais próximos, os programas gerativista e estruturalista estabeleceram-se contemporaneamente.

A gramática gerativa foi introduzida no Brasil meio junto com o estruturalismo americano e as diferenças nem sempre ficaram claras. A própria Miriam Lemle, em seu trabalho pioneiro na revista Tempo Brasileiro, diz que a gramática gerativa é o “novo estruturalismo”. Tratava-se a gramática gerativa, nos anos 1960, juntamente com o estruturalismo, como uma reação “científica” à gramática tradicional e à filologia. (Depoimento pessoal, 2006)

3. A FORÇA DO DISCURSO DE UM PROGRAMA QUE FALA DO LUGAR DA INOVAÇÃO

Pode-se apontar que a história da GG no Brasil teve seu início marcado pelos textos de Miriam Lemle e de Mattoso Camara, em 1967 na revista *Tempo Brasileiro*, com a notícia, por Lemle, da publicação do livro *Aspects of the Theory of Syntax* (1965), de Noam Chomsky, e com uma revisão, por Mattoso, dos estruturalismos na linguística.¹³

Chegando ao Brasil, o programa de base chomskiana, como já ocorrera nos EUA (cf. NEWMeyer, 1986), estabeleceu-se ao redor de uma imagem de “teoria revolucionária”, como atesta a resenha publicada, a partir de um convite do editor Eduardo Portela, por Lemle na revista *Tempo Brasileiro*: “O novo estruturalismo em linguística: Chomsky”.

O marco introdutório é o texto de Miriam Lemle na revista Tempo Brasileiro. Não sei se muita gente leu e não sei também como foi entendido: tratava-se de um texto extremamente introdutório e a gramática gerativa era vista quase como uma curiosidade que acontecia lá no norte. (Depoimento pessoal, 2006)

¹³ Naro (1976, p. 89) aponta de forma positiva um artigo escrito por Silvio Elia em 1972, dando notícia do programa gerativista, e outros textos escritos por Abílio Santos (A linguística gerativa e transformacional de Chomsky. *1o. Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1970. p. 61-86; Frase nominal: um problema para a gramática transformacional. *4o. Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1973. p. 31-46). Já sobre os últimos, Naro é bastante crítico a respeito de sua validade acadêmica. De qualquer maneira, a periodização e os registros via depoimentos de quem viveu aquela época permitem manter Lemle como a pioneira para o cenário brasileiro.

Carlos Franchi (1932-2001), que contribuiu para o estabelecimento de estudos sintáticos na Unicamp e na USP, mencionou em depoimento pessoal: “tanto é que foi o texto de Lemle, na *Tempo Brasileiro*, que me levou a ler Chomsky” (depoimento de Franchi a ALTMAN, 2002, p. 25).

As publicações da revista carioca “Tempo Brasileiro” eram meu canal com o estruturalismo e a cultura da Europa. Em edição dessa revista de 1967 sobre o estruturalismo, Miriam Lemle, parece-me que por sugestão de Mattoso Câmara, fizera uma clara exposição dos pressupostos teóricos e do sistema conceitual do “novo estruturalismo” de um desconhecido Noam Chomsky. (Depoimento de Franchi a PIRES DE OLIVEIRA & MIOTO, 2004: 449)

Anthony Naro, em livro sobre as *Tendências atuais da linguística e da filologia no Brasil*, disse sobre a resenha:

À Professora Lemle se deve o mérito de haver introduzido as idéias da gramática gerativa no Brasil com o artigo “O novo estruturalismo em linguística: Chomsky”, que apareceu em número especial de *Tempo Brasileiro*. (NARO, 1976: 88-89).

Lemle, em sua resenha, apontou a caracterização do componente sintático em duas partes articuladas por regras transformacionais, evidenciando argumentos utilizados por Chomsky e seus colaboradores para dar força à proposta, e seu discurso era articulado em torno da “inovação”, termo utilizado pela linguista. Ao apresentar pontos teóricos e metodológicos do programa chomskiano da época de *Aspects*¹⁴, a autora destacou que se estava diante de uma nova forma de fazer linguística, mais científica e adequada para obter resultados explicativos, e não apenas descritivos, para os fenômenos da linguagem humana. Propunha-se, entre outros pontos essenciais, uma alteração na forma de conceber *língua* (agora vista como elemento abstrato, de raízes biológicas e inatas), *gramática* (articulação de processos sintáticos — gerativos de sentenças — com informações fonológicas e semânticas — de caráter interpretativo e não gerativo) e o

¹⁴ *Aspects* representa o início do período cognitivo da GG, momento de diálogo entre as propostas gerativistas e os aspectos cognitivos da linguagem humana. As aclamadas ruptura e mudança revolucionária se faziam mais uma vez presentes na aproximação da linguística com a prática de pesquisa das disciplinas naturais, de onde viria, por exemplo, o rigor metodológico e argumentativo.

processo de sua aquisição, concebido como o desenvolvimento de uma capacidade inata, herdada geneticamente pela espécie humana, denominada como a *gramática universal* no modelo Padrão.

Uma análise do discurso empregado por Lemle permite evidenciar que a autora escreveu um texto de forma programática¹⁵, no sentido de que construiu sua rede argumentativa destacando a inovação, as mudanças, as novas perspectivas que o programa chomskiano trazia, em comparação com o programa estruturalista e formas conhecidas de descrição da Gramática Tradicional.

Note-se que, com isto, fica postulada uma hipótese bastante ousada e específica sobre o mecanismo da aquisição lingüística: tanto a criança no aprender a falar quanto o adulto no aprender novas línguas só poderiam realizar essa tarefa imensamente complexa se, ao se aproximarem dos dados, já possuísem um esquema prévio, um pré-conhecimento tácito dos universais lingüísticos. (LEMLE, 1967: 58)

O modelo do processo psicológico de aprendizagem aí sugerido opõe-se diametralmente ao proposto pelas teorias mecanicistas, que vêem a aprendizagem como uma fixação de hábitos baseada na seleção de associações estímulo-resposta [...] (LEMLE, 1967: 58)

Assim chega-se a mais uma notável diferença de conceitos entre a lingüística da primeira metade do século e esta. Aquela, concebendo uma língua como um *corpus* de dados, considerava-a como um sistema em si, independente de todas as outras. [...] Pela teoria de Chomsky, ao contrário, [...] sendo uma língua vista como uma das formas possíveis de manifestação da propriedade humana de linguagem, é natural que todas as descrições partam de um mesmo molde e façam uso de um cabedal comum de termos e tipos de regras, pois eles são entendidos como denotações de caracteres que são gerais. (LEMLE, 1967: 59)

Com palavras, na resenha, que destacam a ruptura entre programas de investigação da linguística (“Está se formando, ao redor de Chomsky, uma corrente revolucionária na lingüística: é da chamada gramática gerativa-transformacional”), Lemle acentuou diferenças das propostas de Chomsky

¹⁵ Essa classificação é resultado da observação historiográfica, não de uma caracterização dada pela autora.

em relação a procedimentos então adotados por outras formas de estudar a linguagem e as línguas naturais, não deixando de ressaltar quanto as propostas chomskianas se mostravam promissoras não só para a linguística, mas também para áreas correlacionadas. E a retórica foi de ruptura com a linguística da época, uma vez que “novas questões, novas posições teóricas, novos rumos de investigação, novas formas de descrição vêm sendo propostas” (LEMLE, 1967: 55).

Para Lemle, é uma teoria tal como a proposta por Chomsky em 1965 o caminho para um diálogo com a psicologia, por exemplo, ampliando assim as perspectivas das pesquisas linguísticas (LEMLE, 1967: 57). Mais uma vez, o que se observa é a retórica que enfatiza o avanço, a novidade e, principalmente, a reformulação da linguística em torno de um caminho considerado mais científico.

O que encerra a resenha são comentários garantindo o espaço da gramática gerativa para além das pesquisas linguísticas.

É devido à maior ambição e à alteração das suas metas teóricas e da abertura destas novas frentes de estudos, que atingem até as fronteiras de outras disciplinas, que se tem considerado uma revolução na linguística a obra de Chomsky e dos que pensam na mesma linha, e se tem dito que somente a partir destas novas posições a linguística está deixando de ter o *status* de uma simples técnica descritiva para alcançar o *status* de ciência, capacitada a *explicar* e não apenas descrever os dados do fenômeno que estuda, e interessada em relacioná-los com os fenômenos estudados pela biologia, psicologia, antropologia, nas quais não hesita em buscar esclarecimentos e às quais tem a dar contribuições valiosas. (LEMLE, 1967: 69)

A divulgação das propostas de Chomsky e a retórica de ruptura estabelecida pelos seus seguidores encontrou eco no Brasil e na comunidade científica de então, veja-se que o tipo de discurso utilizado por Lemle podia ser encontrado também em outras publicações. Essa atitude em relação à novidade pode ser percebida, por exemplo, na divulgação da tradução do livro de John Lyons (1973) sobre as primeiras propostas chomskianas. Chomsky era considerado pela editora que publicava o livro no Brasil como um “mestre da modernidade”, nome que recebia a coleção em que se inseriu o livro. O texto da quarta capa anunciava: “*A linguística, disciplina outrora remota e acadêmica, tornou-se, graças principalmente a Noam Chomsky, um dos centros e uma das fronteiras do saber acadêmico. Por isso, a obra de Chomsky interessa a todos quantos queiram compreender a revolução operada no pensamento contemporâneo*”.

4. PERTENCER OU NÃO A UM PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO: OS GRUPOS DE ESPECIALIDADE

4.1 PRIMEIROS MOMENTOS DA RECEPÇÃO

O Brasil viu durante um bom tempo seus centros de produção acadêmica privilegiarem pesquisas em teorias/abordagens de caráter filológico, dialetológico, estruturalistas, mas não há como negar que, a partir das décadas de 1970 e 1980, alguns departamentos de línguas e linguística no Brasil viram suas orientações, já estabelecidas, dividirem espaço cada vez mais de forma acentuada com novos pesquisadores e docentes de orientação gerativista.

Durante as décadas mencionadas, pode constatar-se a publicação de manuais de introdução à GG, nacionais ou traduzidos, e a inclusão de capítulos, em manuais de introdução à linguística ou à sintaxe, com orientação gerativista (cf. BATISTA, 2007). Esse tipo de publicação permite avaliar o período como de recepção e aceitação das propostas chomskianas, uma vez que a escrita e publicação de manuais introdutórios ocorrem quando há demanda pelo menos suficiente para um tipo de obra que introduz os interessados no assunto. As palavras de Mário Perini e Francisco da Silva Borba, nos prefácios a seus manuais, deixam claro o que queriam: firmar etapas introdutórias para o estudo de um campo que definitivamente já era considerado pelos adeptos do programa gerativista como revolucionário e de importância fixada no panorama dos estudos sobre a linguagem.

Meus objetivos neste trabalho podem-se resumir nos dois pontos seguintes: (a) apresentar um esqueleto básico da teoria sintática gerativa (ou transformacional), seguindo no essencial o modelo proposto por Chomsky 1965; e (b) tentar levar o leitor, através da discussão de problemas concretos, a uma visão do tipo de raciocínio e argumentação atualmente corrente em lingüística. (PERINI, [1976]1985: 11)

Uma vista d'olhos nas publicações atuais sobre Lingüística nos convence da desnecessidade de enfatizar o interesse da teoria gerativa, cuja fertilidade e novas posturas vieram realmente revolucionar os estudos lingüísticos. (BORBA, 1976: 7)

O que se colocava na linguística brasileira naquele momento era a defesa do que se considerava como uma outra maneira de fazer ciência, como se a avaliação levasse em conta não um novo programa de investigação em meio

a outros, mas uma nova prática científica, um novo olhar, que não poderia dialogar com as correntes linguísticas de natureza estruturalista, quando ancoradas numa filosofia da linguagem de base mecanicista e behaviorista, e muito menos com a Filologia, a Dialectologia e a Gramática Tradicional.

O programa gerativista também criticou o ensino de português baseado na tradição gramatical¹⁶ em voga e suas formas de análise e abordagem das línguas, levando a um movimento de revisão de conceitos e análises consideradas, pelos gerativistas, ultrapassadas, em nome de novas abordagens com base nas propostas da GG. Esse anseio encontrava-se explicitado, por exemplo, na publicação do livro de Lemle, em 1984, *Análise sintática: teoria geral e descrição do português*. Lemle destacou na introdução do livro qual era um de seus objetivos: “lançar uma ponte entre a lingüística teórica e o ensino escolar da gramática”.

A crítica às propostas gerativistas também se fez presente. A vontade de se colocar numa esfera de influência considerada como moderna foi criticada por alguns linguistas brasileiros que não se posicionaram no programa gerativista. Observava-se também um descontentamento com a busca pelas teorias da moda e, por conseguinte, pelo abandono dos estudos de descrição de língua, cujos fenômenos passavam a servir apenas para exemplificações de posições teóricas, deixando a vocação empírica e o conhecimento dos fenômenos linguísticos de lado (cf. BATISTA, 2007).

Presente também nesse momento uma reflexão sobre a característica de uma linguística que teria nascido e se mantido como de recepção, como aponta Coseriu (1976: 24) a respeito da linguística latino-americana. Altman, ao refletir sobre o assunto, conclui que “a especificidade da Lingüística Brasileira se daria pelo objeto, não pelo método” (1998: 287).

4.2 O ESTABELECIMENTO DE BASES ACADÊMICAS DE UM GRUPO DE ESPECIALIDADE

Segundo Franchi, a entrada da GG no Brasil se deveu à resenha de Lemle e também aos primeiros cursos de divulgação da teoria, ainda que não se possa falar de algo uniformemente estabelecido: “Embora desencadeado, o desenvolvimento do gerativismo no Brasil não foi linear nem inteiramente expansivo” (depoimento de Carlos Franchi a PIRES DE OLIVEIRA

¹⁶ Chomsky sempre manteve posição crítica em relação à Gramática Tradicional, cf. Chomsky (1997).

& MIO TO, 2004: 453). A posição defendida por Franchi é a de que só se poderia falar de uma comunidade acadêmica de gerativistas a partir das décadas de 1980 e 1990. No entanto, como veremos nesta seção, a formação e o início do desenvolvimento de um grupo de especialidade que se percebe como gerativista podem ser localizados já na década de 1970.

Kato & Ramos (1999) apontam que no final da década de 1960 começou a tomar forma um movimento organizacional (não explícita e intencionalmente, mas de modo a configurar o que a sociologia da ciência chama de “comunidades invisíveis”) para a divulgação da teoria chomskiana no Brasil, com cursos dados em centros como a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Museu Nacional, a Pontifícia Universidade Católica, tanto de São Paulo como de Campinas (PUC-SP e PUC-Camp), a Universidade de Campinas (Unicamp) e os Institutos de Linguística.

Em entrevistas, os linguistas Carlos Franchi e Lúcia Lobato disseram não ser possível apontar um único ponto de disseminação da GG no Brasil. Lobato destacou o papel representado por Miriam Lemle e Anthony Naro, já Franchi apontou vários pontos de onde surgiram focos de divulgação e aplicação (a dados do português brasileiro) da GG no Brasil, com destaque para os programas de pós-graduação em linguística, que então se formavam no Brasil no final da década de 1960.

Não sei se houve propriamente um marco [do início do programa gerativista no Brasil]. Nos finais dos anos 1960, houve um artigo da Miriam Lemle na Tempo Brasileiro que foi bastante influente. Foi através dele que eu, por exemplo, fiquei sabendo alguma coisa a respeito da gramática gerativa. Logo depois houve os primeiros cursos; além da Miriam na UFRJ, posso citar os de Carl Harrison e John Martin, por exemplo, nos Institutos de Linguística realizados em São Paulo, Salvador e Belo Horizonte (1969-1970). Nessa época começaram a surgir os primeiros trabalhos de pesquisa — as teses de doutorado de Mary Kato e Leila Barbara e a tese de livre-docência da Eunice Pontes. Esses foram os primeiros professores de gramática gerativa no Brasil. Tudo aconteceu bem rápido, mais ou menos de 1968 a 1974.

Em 1972-1974, chegaram os primeiros brasileiros com doutorado nos EUA: o primeiro foi o Antonio Carlos Quícoli, que foi trabalhar na Unicamp. Logo depois tivemos Yonne Leite e Margarida Basílio (UFRJ). Nessa época apareceram mais alguns estrangeiros (principalmente americanos): Anthony Naro (UFRJ), Quentin Pizzini (Unicamp e PUC-Campinas). (Depoimento pessoal, 2007)

No processo ainda incipiente de institucionalização, o início da década de 1970 viu crescer a colaboração de professores estrangeiros visitantes: John Martin, Mercedes Roldan, Carl Harrison, Marianne Esztergar, Frank Brandon, Quentin Pizzini, Anthony Naro, Christian Rohrer (KATO & RAMOS, 1999: 106). A participação de pesquisadores brasileiros que haviam obtido diploma em cursos de pós-graduação de universidades fora do Brasil (localizadas principalmente nos EUA e na França) também foi importante, pois, ao lado dos pesquisadores estrangeiros, esses estudantes passavam a ser os principais impulsionadores do novo grupo que começava a se perceber em formação.

Vários estudantes foram estudar nos Estados Unidos e, ao voltarem, tomaram a frente em suas cidades. Veja como exemplo Belo Horizonte, com Perini e Milton do Nascimento. O Departamento de Linguística da Unicamp teve origem numa revoada a partir da UFRJ. (Depoimento pessoal, 2007)

Nos primeiros momentos do programa gerativista no Brasil, são apontados, por pesquisadores do grupo e também por crônicas já publicadas, como polos de produção: UFRJ (com Anthony Naro, Miriam Lemle, Lúcia Lobato [posteriormente na UnB]); PUC-SP (com Mary Kato e Leila Barbara); Unicamp (com Antonio Carlos Quícoli, Quentin Pizzini e Frank Brandon), UFMG (com Mário Perini e Eunice Pontes). Nesses lugares reconhecidos pelos gerativistas como centros de formação, havia a presença de pesquisadores que tiveram de alguma maneira sua formação passando por etapas de estudo no exterior. Além dos estrangeiros Pizzini, Brandon e Naro; Lemle, Quícoli, Kato e Perini foram para os EUA fazer seus cursos em diferentes níveis como especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Lúcia Lobato, que participou dos momentos iniciais de formação da pós-graduação na UFRJ, teve formação inicial na França.

Esses centros, considerados como focos disseminadores da produção do programa gerativista, apresentaram até a década de 1980 uma crescente concentração de trabalhos de pós-graduação defendidos, de publicações nos periódicos que se definiram como de linguística e também na divulgação da teoria por meio da publicação de manuais e monografias.

Também nesses primeiros anos de formação de uma comunidade de pesquisadores, as atividades apontadas como cursos em institutos estavam relacionadas ao Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Línguas, o PILEI, fundado em 1963, e aos Institutos Brasileiros de Linguística (ligados à pós-graduação da UFRJ e com financiamento da Fundação

Ford), caracterizados como centros temporários de ensino, com o objetivo de complementar a formação dos interessados (ALTMAN, 1998: 147; 161-164). Ao que parece, segundo interpretação de Altman, John Martin, ao ministrar curso nesses institutos (em 1969 deu um curso em instituto organizado pelo PILEI e pela Associação de Linguística e Filologia da América Latina — ALFAL) teria estimulado pesquisadores como Leila Barbara, Maria Antonieta Alba Celani, Mary Kato, que se tornariam nomes centrais (pelos trabalhos que publicaram vinculadas à instituição¹⁷ e também pelos alunos que formaram) para o desenvolvimento dos estudos na PUC-SP.

A colaboração da UFMG também é destacada, principalmente pelo envolvimento de Eunice Pontes e de Mário Perini. O periódico de responsabilidade da universidade mineira publicou artigos que apresentavam aplicações de propostas teórico-metodológicas das abordagens gerativistas em voga na época a dados do português (cf. BATISTA, 2007). Na época, Perini publicou um dos manuais que o grupo de especialidade reconhece como um exemplar representativo de publicação no período.

Nesses primeiros momentos, o papel da Unicamp é destacado por pesquisadores ligados ao grupo de especialidade, considerando o fato de que a universidade aglutinou um número de professores e pesquisadores que se reconheciam como membros de um programa de pesquisas em GG na linguística brasileira. A instituição de Campinas foi foco de formação de um grupo de especialidade porque, nos primeiros anos da década de 1970, estabeleceu diálogo com a PUC-SP e o programa de pós-graduação da UFRJ (por meio de nomes como os de Antonio Quicoli, doutorado obtido

¹⁷ Leila Barbara e Mary Kato publicaram seus trabalhos de pós-graduação e se dedicaram ao ensino de GG. Já Maria Antonieta Alba Celani teve um papel no início dos cursos na PUC-SP, orientando trabalhos de alunos como Leila Barbara. Desses nomes, importantes no início do programa gerativista no Brasil, apenas o de Kato ainda permanece como de destaque para o grupo de especialidade; tanto Barbara quanto Celani voltaram-se para os estudos em torno da linguística aplicada. O depoimento a seguir dá uma noção de como o grupo da PUC-SP era percebido naquele momento: *Entendo uma teoria como aquele aparato subjacente a uma metodologia, então a pesquisa linguística apoiada nas sugestões teóricas da gramática gerativa, no Brasil, que eu saiba, começa na PUC, de São Paulo, na década de 1970 com duas teses de doutoramento: uma sobre a sintaxe transformacional do modo verbal, de Leila Barbara, e outra sobre o artigo definido, de Mary Kato. Foi a partir daí que se expandiu o interesse sério pela aplicação de metodologia da gramática gerativa à sintaxe do português. Até então o que se fazia era divulgação das ideias chomskianas exaradas em seus primeiros trabalhos desde Syntactic Structures até Aspects.* (Depoimento pessoal, 2007)

em 1972 na Universidade de Nova York, e John Martin, membros do grupo liderado por Aryon Dall’Igna Rodrigues, que se havia transferido da UnB para o Rio de Janeiro, com uma linguística próxima da esfera de influência norte-americana).

A Unicamp em 1972, com quase quarenta alunos já inscritos na pós-graduação, enfrentava sua primeira crise. [...] A primeira busca de solução para a ausência de professores se deu em direção à PUC-SP: Leila Barbara, John Schmitz e Mary Kato, durante o primeiro semestre de 1972, revezaram-se uma vez por semana, na ida a Campinas, para ministrar um curso de Sintaxe, a seis mãos. A primeira ponte entre a Unicamp e a PUC-SP estava, assim, estabelecida. Nos anos subsequentes, vários dos professores da PUC se transferiram definitivamente para a Unicamp. (ALTMAN, 1998: 158)

O grupo de pesquisadores deixou o Rio de Janeiro e incorporou-se ao quadro docente da Unicamp, trazendo seu programa de mestrado e seus mestrandos. A contribuição de John Martin – salvo pela co-orientação de tese de doutorado de Mary Kato defendida em 1972 na PUC-SP – foi nenhuma. Quícoli, em breves dois anos, levou à defesa uma dezena de dissertações de mestrado na linha da Gramática Gerativa Estendida de “Aspects”. (Depoimento de Carlos Franchi a PIRES DE OLIVEIRA & MIOTO, 2004: 452)

No segundo semestre de 1972, transferiram-se do Rio para a Unicamp os professores – Aryon Rodrigues (Linguística Geral e Linguística Indígena), Antonio Carlos Quícoli (Gramática Gerativa) e Brian Franklin Head (Sociolinguística e Dialetoлогия). (ALTMAN, 1998: 159)

Essas mudanças de posição de linguistas nos programas de pós-graduação estimularam a troca de informações, os intercâmbios intelectuais, começando a dar forma a uma comunidade de interessados nas propostas do programa de origem chomskiana, uma vez que mais docentes e pesquisadores passavam a se reconhecer como membros de um grupo que tinha projetos em comum e que dialogava com mais facilidade e produtividade a respeito de fenômenos linguísticos a serem descritos e explicados. De fato, é possível que se perceba, a partir da década de 1970, a imagem de que o grupo de pesquisadores em GG alcançava um número maior de adeptos, conseguindo estabelecer no Brasil uma comunidade de pesquisadores que são reconhecidos, exatamente porque conseguiram formar o que Murray (1994) chama de *cluster*, no sentido de que o grupo mostra-se tão coeso e coerente que transmite uma imagem que ganha contornos

de institucionalização e de respeitabilidade ou mesmo se coloca numa posição de alvo de ataque por parte daqueles que não compartilham dos pressupostos e métodos do programa de investigação em jogo¹⁸.

Por toda a década dos 70, desse primeiro impulso saíram dissertações de mestrado, teses de doutorado, inúmeros trabalhos que, embora publicados bem poucos, circularam entre os “iniciados” e se divulgaram em sessões específicas nos encontros científicos nacionais (SBPC) e regionais (GEL-SP). (Depoimento de Carlos Franchi a PIRES DE OLIVEIRA & MIOTO, 2004: 452)

A sensação de que a Gramática Gerativa domina o panorama nacional, Franchi explica, parece dever-se ao fato de que se trata de um grupo em que há uma grande socialização do conhecimento, um grupo ativo. Não poderia ser de outra maneira, dadas as exigências metacientíficas que o gerativismo se coloca. (PIRES DE OLIVEIRA & MIOTO, 2004: 442)

A Universidade de São Paulo (USP), nas décadas de 1960-1980, encontrava-se, de acordo com a opinião de alguns linguistas do programa de investigação da GG que tiveram sua formação na universidade paulistana, fora desse eixo de reflexão e pesquisa, uma vez que se fizera, naquela época, no Departamento de Linguística uma opção pelos estudos em torno do discurso e da semiótica (cf. ALTMAN, 1998).

O Curso de Linguística na Universidade de São Paulo ressentia-se, desde suas origens, da falta de uma linha de pesquisa em Sintaxe. As linhas que, antes de 1989, mais produziam teses e dissertações eram as de Semiótica, Lexicologia e Fonologia. Vários professores do Departamento consideravam bastante grave a lacuna da Sintaxe, uma vez que, desde a década de 50, esse nível de análise sofrera um considerável avanço, sobretudo dentro do modelo gerativista, que acabou ficando totalmente ausente dos cursos da USP. Na graduação, embora integrasse o rol das disciplinas obrigatórias para os alunos cursando o bacharelado em Linguística, o curso de Sintaxe tinha carga horária insuficiente e nos cursos introdutórios, obrigatórios para todos os alunos de Letras, a

¹⁸ A imagem de *grupo* associada aos pesquisadores da GG é sempre recorrente, inclusive Chomsky destaca esse aspecto em seu trabalho: “Continuando com esta história detalhada, você descobre que a maior parte do que aconteceu é um esforço cooperativo, não é uma questão de pessoas isoladas [...] Isso quase nunca acontece. O que realmente acontece é que há seminários [...] que envolvem grandes grupos, como em minhas aulas, que podem ter por volta de 100 pessoas” (CHOMSKY, 1997: 202).

Sintaxe nem sequer integrava a lista dos tópicos abordados. A situação na pós-graduação não era muito diferente. A disciplina “gramática transformacional”, que constava do conjunto de disciplinas credenciadas, foi raramente ministrada. (NEGRÃO, 2002: 87-88)

Na minha época de graduação [década de 1980], falar em Chomsky na USP era uma heresia. Depois, demorei para fazer pós, justamente porque eu estava esperando a USP mudar. Só comecei a ver o que acontecia na gramática gerativa no Brasil recentemente. (Depoimento pessoal, 2007)

Alguns depoimentos destacam que na década de 1980 os estudos de sintaxe gerativa, no Departamento de Linguística da USP, não eram objeto de ensino e reflexão, e Esmeralda Negrão lembra (em comunicação pessoal) que se chegava a considerar, até por conta de uma especialização em torno do discurso, do texto, da semiótica, a análise da sentença proposta pela teoria gerativa como algo já ultrapassado, uma vez que outras análises já davam conta do nível textual e discursivo. Ao observar o *Catálogo de Teses e Dissertações* da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, englobando um período que vai de 1942 a 1997, é possível confirmar o posicionamento do Departamento em relação aos estudos de sintaxe gerativa. Até iniciar a década de 1990, nenhuma tese ou dissertação exatamente concentrada na área de pesquisa em GG foi defendida.

Essa visão dada pelos depoimentos reflete o que membros do grupo de especialidade em teoria gerativa reconhecem dentro de seus critérios de pertinência ou não ao grupo. Cristina Altman (em comunicação pessoal) revê esse período na USP com outro olhar, ao afirmar, por exemplo, que nos cursos de francês, por meio das aulas de João Teodoro D’Olim Marote, havia a divulgação das teorias e propostas metodológicas da GG, mas como um instrumento de descrição do francês. É possível verificar que, na década de 1970, D’Olim Marote ministrou uma disciplina chamada “Sintaxe: Gramática Gerativa e Transformacional” no Departamento de Linguística da USP, entre os anos 1973-1978¹⁹. No entanto, esses dados parecem não ser reconhecidos pelos membros do grupo de especialidade. De qualquer maneira, a lembrança suscitada por Cristina Altman reforça a imagem de um grupo que se reconhece como tal a partir de alguns critérios, relacionados à institucionalização dos estudos em um departamento e à produção em torno do programa, e não apenas em forma de divulgação.

¹⁹ Informações obtidas pelo currículo na Plataforma Lattes.

4.3 A IMAGEM DO PESQUISADOR E A QUESTÃO DO PERTENCIMENTO AO GRUPO

O grupo de especialidade do programa em GG, em suas diferentes ramificações em grupos localizados, imprimiu com sua retórica, divulgada em diferentes trabalhos, o que julgava pertencer ou não ao conjunto de suas propostas de pesquisa científica. Os adeptos da Gramática Tradicional, da Filologia, dos diferentes tipos de Estruturalismo e dos estudos do texto e discurso eram vistos como praticantes de uma linguística que caminhava em sentido oposto ao que pretendiam os seguidores das propostas gerativistas.

Nesse jogo de forças, o critério mais relevante utilizado pelo programa em GG era o de cientificidade. Ao tomar para si o ideal de cientificidade, considerado como atingir as adequações descritiva e explicativa²⁰, deslocava do eixo de reflexão e prática linguísticas uma série de abordagens das línguas e dos fenômenos da linguagem humana que não estabelecesse o ideal de adequação explicativa. Realizar estudos linguísticos com o foco apenas na descrição era visto pelos linguistas do programa aqui em análise como algo menor, que definitivamente não poderia ser considerado como científico. Posicionamento derivado das afirmações iniciais de Noam Chomsky, que, ao defender seu programa, sempre posicionou a GG como a forma mais adequada de fazer ciência da linguagem.

Também ficaram sem repercussão, pelo menos no interior do grupo de especialidade, trabalhos realizados por divulgadores da teoria e dos métodos que não se caracterizaram como membros do grupo e como pesquisadores com produção acadêmica na área. Penso aqui, por exemplo, na ausência de citações (por parte de pesquisadores entrevistados) de alguns manuais publicados por brasileiros no período aqui estudado, de 1967 (ano do marco da recepção) ao final da década de 1980. Dos dez livros publicados na periodização aqui estabelecida (*cf.* quadro a seguir), um silêncio total, em depoimentos recolhidos com pesquisadores do programa, se fez em relação à citação de três obras: Borba (1976), Tondo (1973), Silva (1983). A referência que foi feita a manuais e outras publicações parece ter se restringido àqueles trabalhos elaborados pelos pesquisadores que o grupo de fato reconhecia como gerativistas.

²⁰ “Uma teoria da linguagem deve satisfazer as condições de adequação explicativa na medida em que pode construir uma teoria de linguagem descritivamente adequada”(CHOMSKY, 1997: 203-204).

QUADRO I: MANUAIS E MONOGRAFIAS PUBLICADOS (1970-1980)

DATA	AUTOR	TÍTULO	EDITORA
1973	Nádia V. Tondo	<i>Uma teria integrada da comunicação lingüística: introdução à gramática transformacional</i>	Porto Alegre: Sulina
1973	Eunice Pontes	<i>Verbos auxiliares no português coloquial</i>	Petrópolis: Vozes
1974	Mary Kato	<i>A semântica gerativa e o artigo definido</i>	São Paulo: Ática
1975	Leila Barbara	<i>A sintaxe do modo verbal</i>	São Paulo: Ática
1976	Francisco da Silva Borba	<i>Fundamentos da gramática gerativa</i>	Petrópolis: Vozes
1976	Mário Perini	<i>A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa</i>	Belo Horizonte: Vigília
1977	Mário Perini	<i>Gramática do infinitivo português</i>	Petrópolis: Vozes
1978	Carly Silva	<i>Gramática Transformacional: uma visão global</i>	Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico
1983	Gustavo Adolfo P. Silva	<i>Estruturas sintáticas do português: uma abordagem gerativa</i>	Petrópolis: Vozes
1984	Miriam Lemle	<i>Análise sintática: teoria geral e descrição do português</i>	São Paulo: Ática

A proposição de fatores externos de análise, na historiografia que aqui se pretende, é fator complementar para a compreensão de métodos e práticas de análise linguística efetivamente empregados. Dessa maneira, é possível apontar as seguintes conexões entre fatores internos e externos, estes últimos considerados como elementos que podem determinar escolhas ditas internas de um programa de investigação: a) a formação de grupos de especialidade em torno de alguns centros de pesquisa, considerados como as universidades de prestígio acadêmico, concentrou a publicação nas mãos dos pesquisadores que se formaram nesses centros. Assim a produção periódica do período está restrita àquelas comunidades que foram reconhecidamente caracterizadas como incipientes centros de produção em GG²¹; b) essa concentração também determinou a formação

²¹ Batista (2007) faz uma análise da publicação periódica no período aqui também em exame.

dos centros de pós-graduação, com orientação gerativista, também restritos a algumas universidades. Correlacionando (a) e (b), os problemas linguísticos considerados como relevantes para o grupo de especialidade que se reconhecia como gerativista eram aqueles objetos de publicação dos pesquisadores vinculados aos centros e também aqueles que foram tema de dissertações e teses.

Nesse sentido, a retórica de ruptura estabeleceu processos de transformação na comunidade de linguistas brasileiros. Eles advogaram por meio de seus textos a mudança em relação a formas de pesquisa anteriormente estabelecidas, e essas mudanças eram reivindicadas por conta dos novos referenciais teóricos adotados (em torno das propostas chomskianas e de revisões dessas propostas), dos fenômenos de língua que eram propostos como objeto de análise (a sintaxe era vista como o componente em que se sustentava a retórica de ruptura) e também por meio das formas de argumentação, baseadas no método dedutivo em busca de hipóteses generalizantes. Se um grupo de especialidade pode ser caracterizado por conta dos fatores sociais que articulou, também pode ser caracterizado pelos aspectos internos que foram privilegiados e que serviram de suporte para as retóricas de franca ruptura com as formas de produção da pesquisa linguística que não eram reconhecidas como gerativistas.

Sendo assim, os agentes de produção e divulgação da GG no Brasil concentraram-se nas universidades públicas do sudeste brasileiro e também nas universidades católicas de São Paulo e Campinas. Esses agentes deram destaque, por meio da recepção e aplicação de teorias, a fenômenos da língua portuguesa que estavam concentrados sobretudo na análise de particularidades sintáticas da língua, exatamente aquelas particularidades que não haviam tido solução adequada, na visão dos gerativistas, em outras formas de análise. Esses problemas selecionados pelos agentes reforçaram a retórica de ruptura ao propor novos métodos baseados então numa concepção *nova* de entender a estrutura linguística, com dois níveis de representação, um deles de caráter abstrato. Ao focar pontos como esses, as propostas mentalistas da teoria mostraram-se também como o elemento que seria o ponto central da articulação de um grupo de especialidade que se reconhecia como diverso de outros grupos exatamente porque partia de pressupostos teórico-metodológicos diversos, que colocavam a linguística nacional numa outra esfera de influência (agora principalmente norteamericana) e com novos referenciais teóricos que impunham tarefas de análise distantes da relação entre língua, linguagem, sociedade e história.

5. ENTRE O DIZER E O FAZER: PROPOSTAS DE ANÁLISE DO PROGRAMA

A GG pertence ao programa de investigação de **correspondência**, que se caracteriza pela tentativa de estabelecer relações (e procurar entendê-las) entre a linguagem, o pensamento, a mente/o cérebro, os falantes e a realidade — como fizeram, de formas distintas, filósofos que procuraram a relação entre linguagem e pensamento, propostas das gramáticas modistas (interessadas em investigar como categorias do pensamento encontram expressão em categorias linguísticas) na Idade Média, estudiosos que buscaram princípios gramaticais universais, tanto nos séculos XVII e XVIII como nas propostas contemporâneas da teoria gerativa, aqueles que procuram o entendimento das correlações entre linguagem e cognição. Dentro dessa dimensão científica é que se vai analisar aspectos internos do programa no Brasil.

O que se fez em GG no Brasil durante os anos 1967-1983 (recorte temporal delimitado para esta análise²²) foi predominantemente uma aplicação (com ou sem crítica) de modelos descritivos e explicativos tais como propostos pelos modelos Padrão e Padrão Estendido a dados do português, obtidos por meio da observação da intuição de falantes, não raras vezes o próprio pesquisador, numa recolha de dados introspectiva, como se costuma apontar. Diante de um elenco bastante semelhante ao exposto por Bisol (1986), os linguistas brasileiros procuraram explorar aspectos do português²³ que pudessem ser trabalhados à luz de pressupostos de um programa que a Historiografia Linguística reconhece como de correspondência:

- transitividade verbal e decomposição lexical;
- complementos nominais, verbais e estrutura de predicados;
- processos de qualificação, interrogação e negação em português;
- regras de restrição em relação à estrutura superficial de formas possessivas;
- sintaxe de gradação do adjetivo;
- posição do adjetivo na estrutura sintática;

²² A partir de 1984 começam a ser publicados trabalhos já em outra dimensão teórica do programa, tendo em vista os desenvolvimentos do modelo de Princípios & Parâmetros (cf. BATISTA, 2007).

²³ O recorte privilegiou a observação de trabalhos sobre fenômenos da língua portuguesa. No período, houve trabalhos comparativos do português com outras línguas e também trabalhos com línguas indígenas.

- configuração sintática do sintagma nominal;
- movimento de constituintes de diferentes sintagmas;
- abordagem das regras típicas de movimento, supressão, transformação.

Os temas considerados como problemas colocavam para a linguística brasileira a incidência em novas estruturas a serem observadas. Os fenômenos sintáticos ganharam destaque, ainda que não se possa falar exatamente em níveis de descrição linguística – como no estruturalismo –, já que o modelo de gramática do programa gerativista é um modelo que opera com diferentes componentes (sintático, semântico, fonético-fonológico) que estabelecem relações que possibilitam a ocorrência de sentenças na estrutura superficial. Da articulação desses diferentes componentes (para o modelo Padrão), antes vistos como entidades separadas (apenas relacionáveis em termos de integração e distribuição, na visão estruturalista), surgiram problemas destacados pela comunidade.

Esses problemas apontavam para a realização de trabalhos que examinavam:

a) a relação entre o léxico e a sintaxe (com pesquisas realizadas já na segunda metade da década de 1970²⁴), colocando em destaque um modelo revisto de gramática, em que o papel semântico de argumentos e a complementação eram vistos de maneira relacionada;

b) a constituição do sintagma nominal em português, com destaque para a explanação de regras que determinavam conversões de pronominalização, posições de categorias gramaticais, movimentos de constituintes, papel de determinantes, de possessivos, de quantificadores;

c) a formação de estruturas passivas, possibilitando a exploração do conceito de transformação e a descrição de língua em dois níveis diferentes;

d) a configuração sintática do sujeito e regras de movimento e supressão; mais uma vez o destaque aos problemas que evidenciavam, segundo os pesquisadores, a limitação de um modelo que operasse apenas com o nível superficial;

e) as classes de palavras e seu estatuto sintático;

f) as estruturas de orações complexas, subordinadas, o infinitivo flexionado, os verbos auxiliares (estes últimos também reforçando um modelo de análise que colocava em evidência o exame de constituintes sintáticos não lineares, descontínuos no nível superficial, e, no entanto, relacionados de alguma maneira num nível subjacente);

²⁴ Parto de dados da crônica realizada por Kato & Ramos (1999).

g) comparações entre línguas, principalmente no âmbito do ensino de línguas estrangeiras – nesse aspecto a PUC-SP mostrou-se bastante atuante, sendo que uma das vias de entrada do programa em São Paulo foram propostas de ensino que colocavam a perspectiva da teoria gerativa como forma de alcançar melhores resultados no ensino de línguas estrangeiras.

Os temas privilegiados pelo programa possibilitam que algumas considerações possam ser feitas: a) a seleção dos problemas é semelhante àquela divulgada pelos manuais publicados no período. Colocando no centro da atenção a sintaxe, com abordagens dos componentes fonético e semântico, e as seleções lexicais, o grupo de especialidade divulgou trabalhos que seguiam linhas de reflexão e de aplicação metodológica semelhantes ao que se fazia em centros de pesquisa localizados no exterior; b) o que se pesquisou no Brasil acompanhou a determinação de temas privilegiados em trabalhos e abordagens que eram recebidos pela comunidade incipiente de pesquisadores nacionais em GG. Em relação a esse aspecto, é importante ressaltar que a própria construção argumentativa dos textos retomava trabalhos seminais que divulgavam pela primeira vez ou de forma mais destacada o tratamento que se aplicava a fenômenos do português brasileiro. Tanto que uma das formas mais clássicas de construção discursiva desses textos é a abordagem inicial de uma teoria, ou de um trabalho, ou de um modelo que chegava via recepção. O modelo era explicado e depois, enfim, aplicado a dados do português, seja para confirmar uma hipótese, que muitas vezes era derivada dos trabalhos feitos para outras línguas, predominantemente o inglês no nosso período de análise, seja para lançar a possibilidade de que a hipótese tenha de ser refeita, dada a colaboração das aplicações em português. Esse processo de construção textual típica dos trabalhos apresentados pelo grupo destaca a aplicação de teorias e métodos estrangeiros. Tal aspecto é visto de forma negativa por alguns pesquisadores.

A meu ver não houve desenvolvimento do gerativismo no Brasil. Durante todo o período, o que se fez foi seguir modelos, discutir problemas e propor soluções inspiradas diretamente no que se fazia no estrangeiro, principalmente nos EUA e, a partir de 1980, também na França, Holanda... (Depoimento pessoal, 2007)

A necessidade de comparação entre as línguas e a necessidade de descrições teoricamente homogêneas para essas comparações exigiu que os pesquisadores se debruçassem sobre determinados aspectos da língua portuguesa. O curioso é que a seleção dos problemas a serem estudados é determinada fora daqui. (Depoimento pessoal, 2006)

Raposo (1992: 49-51) defende o posicionamento de que pouco se alcançou no período de vigência do modelo Padrão em termos de alcançar explicações para a relação entre expressões linguísticas e a faculdade inata da linguagem, aspecto crucial que define as pesquisas gerativistas como parte de um programa de correspondência²⁵. Para o linguista português, Padrão foi essencialmente descritivo, com destaque para a abordagem de operações linguísticas estabelecidas pelo componente transformacional. Essa tendência descritiva do modelo levou à sua superação, que começou a se articular dois anos após sua proposição. Chomsky, em 1967, começava a rever suas propostas de 1965. Note-se que os anos coincidem com a chegada da GG ao Brasil, num modelo que começava a passar por reformulações²⁶.

Esse viés descritivo do modelo Padrão pode ser evidenciado pela observação da publicação dos textos em periódicos nacionais de linguística (cf. BATISTA, 2007). A análise do material permite depreender que os textos foram em sua maioria trabalhos de *descrição* de língua e não chegaram a propor elementos teóricos o suficiente para que o ideal explicativo pudesse ser alcançado. Nesse sentido, cabe uma avaliação crítica em relação à retórica de ruptura que tanto se advogou nos primeiros ecos da recepção. O ideal de cientificidade se dava por conta do acréscimo da explicação, mas esse direcionamento esteve ausente em muitos trabalhos, o que se fez foi descrição com outros métodos. No entanto, se a explicação não foi atingida, pelo menos se estabeleceu na comunidade científica brasileira o ideal de busca de argumentações explicativas para fenômenos linguísticos. De fato, esse aspecto do programa ficou restrito à retórica, mas abriu caminho para reflexões futuras de um programa científico que, na própria visão chomskiana, é sempre algo em construção.

²⁵ Chomsky aponta que o equilíbrio entre descrição e explicação é algo em busca: “Houve um problema crítico que apareceu bem no início da gramática gerativa. Havia uma tensão crucial, ainda não resolvida, que de certo modo direcionou a área desde o início: a tensão entre o que chamamos tecnicamente de adequação descritiva e explicativa” (CHOMSKY, 1997: 203).

²⁶ “Quando *Aspects* foi publicado em 1965, já era completamente óbvio que estava errado e de maneira crucial. De fato, minhas palestras de 1964 e 1965 foram sobre o que havia de errado nessa teoria e durante alguns anos, estudantes e outras pessoas continuaram a estudar o que estava errado com ela. Desse trabalho veio o que mais tarde passou a ser chamado de Teoria Padrão Ampliada [também chamada de Estendida]” (CHOMSKY, 1997: 202).

CONCLUSÃO

Não se pode considerar de forma passiva a recepção de modelos teóricos e de práticas de análise da GG, pois a adoção de ideias vindas de outros centros de produção gerou a formação de elementos que acabaram por dar forma a um grupo de especialidade, que se reconheceu como distinto de outros grupos e com produção científica que os autorizava, inclusive, a lançar-se no panorama nacional com um discurso que destacava a diferença e a renovação. Entre esses elementos que auxiliam a busca por uma visão mais dinâmica e, portanto, mais positiva da recepção, estão:

a) a criação de instituições que são reconhecidas como estáveis na concentração de pesquisadores e também na formação de jovens membros do grupo;

b) a perenidade dos subgrupos no tempo, mesmo que alterações existam, a comunidade brasileira que se reconheceu como atuante em teoria gerativa nos anos da década de 1970 imprimiu na linguística brasileira o reconhecimento de um outro grupo de especialidade, que não se extinguiu no universo da produção científica brasileira;

c) a capacidade de atrair novos estudantes; mesmo que a GG não atraia mais muitos jovens pesquisadores, como alguns depoimentos afirmam, a área continua a se desenvolver e apresenta novas propostas de estudo e de colaboração científica internacional que reafirmam a presença do grupo de especialidade na linguística brasileira;

d) a comunidade de pesquisadores do programa aponta que a entrada do referencial no Brasil colaborou para a exploração de dados e fenômenos do português que antes não haviam sido trabalhados nem considerados. Nesse sentido, o grupo de especialidade se reconhece em atividade científica, produzindo sim uma ciência, derivada de pontos vindos de centros internacionais, mas aplicados à realidade da língua portuguesa.

Essa é a visão interna que o grupo mantém – a de aplicabilidade da teoria a dados do português antes não examinados –, mas há depoimentos que ressaltam a ausência de resultados dos empreendimentos gerativistas, o que faz com que a noção de recepção vista de forma positiva tenha de ser nuançada, se for colocada em jogo a ausência de repercussão das pesquisas em termos mais amplos de divulgação, uma vez que o programa ficou restrito, em suas primeiras décadas de recepção, aos grandes centros universitários de prestígio.

Sobre a relação com esferas internacionais de influência, é importante destacar que o desenvolvimento do saber científico no Brasil sempre se

deu a partir de intercâmbios, concretizados de diferentes formas, não se podendo ignorar que desde o início de uma movimentação científica no país, no século XIX com a chegada da família real portuguesa, o diálogo com outras esferas de saber se manifestou. Seria de fato limitado pensar numa reflexão sobre o desenvolvimento da linguística brasileira sem levar em conta o fato de que nosso país se desenvolveu, por diferentes razões histórico-sociais, em torno dos mais diversos tipos de trocas e intercâmbios²⁷. Partindo dessa visão, a chegada do programa da GG ao Brasil reforçou essa experiência de troca de informações. Foram apontados os cursos dados por pesquisadores estrangeiros visitantes, as leituras de obras escritas fora do país, as traduções como meio de acesso à teoria, o envio de estudantes para complementação da formação em centros internacionais. Enfim, reconstruir historiograficamente o programa da GG no Brasil é ressaltar o papel fundamental do diálogo com o exterior, inclusive como caracterizador de uma ciência dita de recepção, mas uma recepção tomada a partir do conceito dinâmico de ciência, definindo que há produção científica onde há recepção, aplicação e transformação de aspectos dessa ciência recebida. Tal afirmação merece mais alguns comentários.

Não se pode tomar o desenvolvimento da ciência como algo desvinculado da Sociologia da Ciência, uma vez que o conhecimento científico não é produzido sem uma esfera social que lhe dê suporte. As ideias não circulam sozinhas, elas são reflexo de uma organização de indivíduos que as colocam em funcionamento. Sendo assim, o início das atividades do programa da GG no Brasil deve ser compreendido por meio da correlação adequada entre elementos internos e elementos externos que ajudaram a caracterizar o programa de investigação.

Repensar a trajetória do desenvolvimento da linguística no país no final da década de 1960 e na década de 1970 é ter em mente os períodos incipientes de uma ciência que começava a se institucionalizar de fato. Eram os primeiros centros de pós-graduação, os primeiros periódicos, as crescentes publicações de manuais e monografias, ou seja, o momento de recepção do programa no país era um momento também de formação do pensamento linguístico nacional. Caso não se retenha essa imagem, é muito fácil

²⁷ “Desde a implantação das instituições científicas no Brasil com a vinda da corte portuguesa, em 1808 – escolas profissionais (medicina e engenharia), jardins botânicos, museu de história natural –, os intercâmbios com outros países estiveram presentes.” (HAMBURGER *et al.* (org.) 1996: 18)

caracterizar os primeiros anos de desenvolvimento da GG no país de forma bastante crítica, no sentido de que as publicações foram poucas, as articulações de subgrupos dentro de uma comunidade de especialidade maior se deram em centros restritos, os dados do português trabalhados foram selecionados tendo em vista aplicação das teorias recebidas. Mas, no panorama do que começava a se configurar como a linguística brasileira, isso já era resultado positivo. Houve publicações em periódicos, houve o tratamento do português, de dados de língua que anteriormente não haviam sido discutidos, houve a publicação e a tradução de manuais, houve a formação de cursos de pós-graduação, houve a abertura de diálogo com o exterior via intercâmbio. Situar esses aspectos no nosso contexto social e histórico leva certamente a relativizar uma possível visão negativa de recepção.

Para finalizar, destaco a importância de se desviar da noção de centros e periferias em relação à produção do conhecimento e passar a reconstruir uma história da linguística nacional tendo em vista a investigação sobre em que bases se deu, ou se dá, a recepção e o desenvolvimento de teorias, métodos, modelos que vêm de fora e que se colocam num processo social, histórico e acadêmico com suas peculiaridades, que destacam um modo diverso de *fazer* ciência, entre modos e impasses típicos dos países que tentam imprimir sua marca no panorama da pesquisa científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Cristina. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 1998.

_____. Depoimento de Carlos Franchi. *Revista do GEL*. Número especial: em memória de Carlos Franchi (1932-2001). p. 23-35, 2002.

_____. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da lingüística no Brasil. *Revista argentina de historiografia lingüística* I. 2:115-136, 2009.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *A recepção à Gramática Gerativa no Brasil (1967-1983): um estudo historiográfico*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

_____. *Historiografia da Linguística: modos de contar a história do conhecimento sobre a linguagem*. No prelo.

BISOL, Leda. A lingüística contemporânea e o conhecimento da língua portuguesa. *Ciência e cultura* 38.12: 2035-2047, 1986.

BORBA, Francisco da Silva. *Fundamentos da gramática gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1976.

BORGESNETO, José. Lingüística no Brasil: uma importação de modelos estrangeiros. *Boletim da Abralin* 8: 77-82, 1986.

CATÁLOGO de *Teses e Dissertações*. Publicação da Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. The Hague, Paris: Mouton, 1957.

_____. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1965.

_____. Conferências e entrevistas publicadas em *Chomsky no Brasil*. *Revista DELTA* 13, especial, 1997.

COSERIU, Eugenio. Perspectivas gerais. In: NARO, A. (org.), 1976. p. 11-44.

ELIA, Silvio. A filosofia da gramática transformacional. In: *3o. Congresso Brasileiro de língua e literatura*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1972. p. 47-77.

HAMBURGER, Amélia Império *et al.* (org.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1996.

KATO, Mary; RAMOS, Jânia. Trinta anos de sintaxe gerativa no Brasil. *DELTA* 15: 105-146, 1999.

KOERNER, E.F. Konrad. *Practicing Linguistic Historiography: Selected Essays*. Amsterdam: Philadelphia: John Benjamins, 1989.

_____. *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam: Philadelphia: John Benjamins, 1995.

LEMLE, Miriam. O novo estruturalismo em lingüística: Chomsky. *Tempo Brasileiro* 15-16: 51-64, 1967.

_____. *Análise sintática: teoria geral e descrição do português*. São Paulo: Ática, 1984.

LOBATO, Lúcia. Entrevista: a Gramática Gerativa — história no Brasil e estado da arte. *Fórum Lingüístico* 2: 129-148, 2000.

LYONS, John. *As idéias de Chomsky*. Trad. de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg do orig. em inglês. São Paulo: Cultrix, 1973.

MURRAY, Stephen. *Theory Groups and the Study of Language in North America*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, 1994.

NARO, Anthony (org.). *Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

NARO, Anthony. Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil. In: NARO, A. (org.), 1976. p. 69-114.

NEGRÃO, Esmeralda. A atuação de Carlos Franchi no Departamento de Lingüística na USP. *Revista do GEL*, número especial: 87-92, 2002.

NEWMAYER, Frederik J. *The politics of linguistics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

PERINI, Mário. *A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte: Vigília, 1976.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; MIOTO, Carlos. Carlos Franchi: uma entrevista sobre a Gramática Gerativa. *Revista da Anpoll* 16: 433-496, 2004.

RAPOSO, Eduardo. *Teoria da gramática*. Lisboa: Caminho, 1992.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Tarefas da lingüística no Brasil. *Estudos Lingüísticos* 1.1: 4-15, 1966.

SWIGGERS, Pierre. Reflections on (models for) Linguistic Historiography. In: HÜLLEN, Werner (ed.). *Understanding the Historiography of Linguistics. Problems and projects*. Münster: Nodus Publikationen, 1990. p. 23-25.

_____. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista argentina de historiografía lingüística* I. 1:67-76, 2009.

